

# Lazer e juventude: o lazer como cultura e a cultura como forma de mobilização

Victor Andrade de Melo<sup>1</sup>



mesmo não sendo usual, gostaria de começar este texto com um longo trecho de uma música<sup>2</sup>:

*“Seja bem vindo ao meu mundo sinistro, saiba como entrar  
Droga, polícia, revólver não pode, saiba como evitar  
Se não acredita no que falo, então vem aqui  
Pra ver a morte de pertinho, para conferir  
Vai ver que a justiça aqui é feita a bala  
A sua vida na favela não vale de nada  
Até os caras na praça, jogando uma pelada  
Discussão, soco na cara, começa a porrada  
Mente criativa, pronta para o mal  
Aqui tem gente que morre até por um real  
E quando a polícia chega, todo mundo fica com medo  
A descrição do marginal é favelado, pobre e preto  
Na favela, corte de negão é careca  
É confundido com traficante, ladrão de bicicleta  
Está faltando criança dentro da escola  
Estão na vida do crime e o caderno é uma pistola  
Garota de doze anos esperando a dona cegonha  
Moleque de nove anos experimentando maconha  
Bala perdida, falta de emprego, moradia precária  
Barulho de tiro na noite, é outra quadrilha querendo invadir  
Minha área, na minha casa, na madrugada  
Todo mundo deitado no chão  
Com medo da bala perdida que não tem nome, nem direção  
Pow, pow, um corpo no chão*

<sup>1</sup> Professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
E-mail: victor@marlin.com.br

<sup>2</sup> “Traficando Informação”. MV Bill.

*Pow, pow, de um vacilão  
Um otário que agora é finado porque se achava o malandrão  
Amanheceu todo furado, do lado da lojinha  
Era um otário se achando malandro, igual o pai da minha sobrinha  
Fez filho na minha irmã, não assumiu, sumiu  
Pai, padrinho e tio da minha sobrinha, sou eu, MV Bill  
Encontrei a salvação na cultura Hip Hop  
Tem outros que entraram para a vida do crime, querendo ganhar IBOPE  
Se você tiver coragem, vem aqui para ver  
A sociedade dando as costas para a C.D.D. (Cidade de Deus)  
Traficando informação  
Diariamente convivendo com essa situação”*

Essa letra do *rapper* MV Bill concede o argumento central de minha exposição e a pergunta inicial a ser respondida: de que jovem estamos falando quando pretendemos discutir o lazer na referida faixa etária? Trata-se, logo, de, desde o início, assumir o local do qual estarei falando e a partir disso adotar uma visão de mundo diacrônica para abordar o assunto.

Para os que pensam que é exagerada a letra da música acima, basta recorrer a alguns dados do IBGE (POBREZA..., 1999; ESCÓSSIA, 2000; LEAL, 2000) para que seja possível verificar a gravidade da situação:

\* Números de adolescentes

No ano 2000, o Brasil terá cerca de 17,3 milhões de adolescentes (entre 15-19 anos).

\* Renda mensal

Em 1997, entre a população de 0 e 24 anos, cerca de 24 milhões tinham renda mensal *per capita* inferior a meio salário mínimo.

\* Escolaridade

Em 1997, na população entre 15 e 19 anos, 19% não tinham nem 4 anos de escolaridade, sendo considerados analfabetos funcionais.

\* Trabalho

Destes, 27,8% estão inseridos no mercado de trabalho, mas apenas 25% conseguem associar trabalho e estudo. Pior, muitos precisam trabalhar e

não conseguem se inserir em um mercado cada vez mais restrito. Sobre isso, afirma o mesmo MV Bill<sup>3</sup>:

*“...Na sua cabeça, não tinha vez para a violência  
Pedia emprego e exigiam boa aparência  
Não era respeitado, era discriminado  
A opressão era tanta que acabou ficando complexado  
Seu filho em casa, barriga vazia, eu tinha certeza que não era  
aquilo que eu queria  
Aceitavam preto como faxineiro a um tempo atrás  
Agora nem pra isso ele serve mais  
A sociedade fechou as portas para um cidadão  
Que ficou revoltado, com uma opção  
E essa opção morava ao lado, entrou para a vida do crime querendo  
ser respeitado...”*

\* **Violência**

Em 1997, no Brasil, quase 75% dos óbitos entre 15 e 19 anos foram por causa violenta. No Rio de Janeiro, em 1996, houve 112,7 homicídios por 100 mil habitantes na faixa de 15 a 24 anos, a maior taxa do país. 60% dos processos judiciais estavam ligados ao tráfico de droga. Cabe destacar que os problemas com a violência não se circunscrevem somente às camadas populares. Entre 1998 e 1999, no Rio de Janeiro, subiu de 2% para 15% o número de jovens com situação financeira estável envolvidos com crimes diversos.

\* **Lazer**

Só na região metropolitana do Rio de Janeiro, 100 mil jovens de 15 a 24 anos têm poucas opções de lazer e ficam em casa sem fazer nada. 305 mil não têm emprego ou escola e somente ajudam nas tarefas domésticas:

*“No subúrbio, o Rio é outra cidade, e a juventude é diferente da que lança moda na praia da zona sul. Esse jovem de subúrbio quando vai à praia, lota o metrô, faz barulho no ônibus a assusta a classe média” (ESCÓSSIA, 2000. p. 6-3)*

---

3. “Um Crioulo Com Uma Arma”. MV Bill.

Tal problemática também não passou despercebida pelos *rappers*, grandes intérpretes das dificuldades do cotidiano das comunidades de baixa renda. Por exemplo, nas músicas “Contraste Social” (MVBill) e “Fim de Semana no Parque” (Racionais MC), podemos encontrar um retrato crítico e fiel das dificuldades de acesso ao lazer sentidas pelas comunidades mais pobres.

Enfim, como bem resume a jornalista da Folha de São Paulo:

*“Entre o tráfico e o desemprego, o jovem pobre do Rio se atrasa na escola ou deixa de estudar. O jovem do subúrbio vê TV, mas não lê nem vai ao cinema. Ouve muito funk, hip hop e pagode. E sonha: com emprego, futebol e fama. Mas há também quem, com 18 anos, se ache velho e não sonhe mais com nada”* (ESCÓSSIA, 2000. p.6-3).

Procurei ressaltar bastante a fala de *rappers*, e também utilizar uma de suas letras para começar este texto, por aí encontrar não somente denúncias, como também apontamentos de uma possibilidade de atuação, expressa também na coerência de suas atitudes. A solução para MV Bill, um jovem criado na favela da Cidade de Deus, veio exatamente da cultura Hip-Hop, movimento que, como aponta na citação acima a jornalista, tem sido bastante procurado pelos jovens da periferia.

A questão central e a possibilidade de atuação com esses jovens, à busca de mobilizá-los no sentido de conscientização da necessidade de superação da ordem social, parece estar mesmo fundamentalmente baseada no âmbito da cultura. Possibilidade, aliás, como mesmo denunciada nas letras daqueles compositores, negada e pouco incentivada pelos poderes públicos constituídos.

Devemos considerar, todavia, que além da carência de opções de lazer e de estarem cercado por uma comunidade onde as contradições sociais afloram mais visivelmente, por certo a juventude de hoje se encontra ainda mais fortemente cercada pelas mais diversas iniciativas de manipulação cultural, até porque são considerados como um dos principais “nichos de mercado”, sem falar que uma certa “juventude idealizada” passa a ser tida como modelo de padrão de “saudabilidade social” (um fenômeno já bastante discutido em alguns países europeus, denominado de “adoscentilização da cultura”).

Os próprios parâmetros culturais modificaram-se profundamente nos últimos anos, em um mundo que privilegia a informação rápida, os símbolos sem significado aparente, a fragmentação. A linguagem construída e integral

da cultura popular de outrora se vê afrontada pelo frenesi da linguagem *clip*, onde muitos *frames* por segundo sequer nos permitem compreender exatamente o que se passa na tela. O individualismo e o niilismo, próprios do período pós-guerra, se exacerbam ao máximo. Para que pensar no outro? Por que pensar no amanhã se o hoje sequer parece existir? Encalacrados em si mesmos, descrentes do futuro, preocupados em sobreviver em um mundo de desemprego, o jovem supostamente se afastaria, se abstendo de participar e intervir ativamente na sociedade.

Entretanto, sem negar a gravidade e complexidade do problema, é importante perceber que como esses jovens estão cada vez mais cedo expostos às contradições da sociedade, acabam também por gerar em seu cotidiano uma cultura específica e algumas formas de resistência, mesmo que de maneira diferenciada das que usualmente, enquanto “intelectuais”, costumamos conceber e esperar. Como afirma GIDDENS (2000), afastando-se de qualquer pensamento linear e pessimista, afastando-se de qualquer forma de encarar o problema extremamente baseado na compreensão de completa vitória da indústria cultural:

*“Os adolescentes de hoje, diferentemente dos gerados pela contracultura nos anos 60, estão menos preocupados com a política e luta de classes e mais interessados em questões como direitos humanos, ecologia e direitos sexuais; enfim, valores mais universais do que os de antes” (p.30).*

Enfim, longe de negar que nossos jovens estão submetidos à situação de risco, opressão e dominação, devemos perceber que desse mesmo processo surgem formas de resistência nem sempre vinculadas ao sentido “clássico” da política. Obviamente esse é um processo nem sempre claro, quase sempre confuso.

Nesse sentido é que devíamos verificar como podemos trabalhar com e a partir das próprias especificidades das linguagens em uso e/ou geradas pelos jovens. Linguagem *clip*, internet, publicidade, cultura Hip Hop (e o movimento RaP em geral) são elementos com os quais devemos aprender a lidar com urgência.

Obviamente que devemos encarar tais possibilidades de forma crítica, evitando os riscos dos ‘culturalismos’ e a desconsideração para com a questão econômica e com a luta de classes. Trata-se de pensar novas formas de atuação e intervenção para além das formas usuais/tradicionais. É importante que fique claro que não estou a dispensar a necessidade das formas usuais de política, mas simplesmente a chamar a atenção para que compreensões macro não

venham a abolir a riqueza das abordagens micro. E isso não significa utilizar a “cultura” como chamariz da “política”, mas considerar que na “cultura” em si existem formas de conscientização e resistência que se diferenciam do sentido clássico da “política”. No caso dos jovens, devido a atual configuração da sociedade, tal perspectiva de atuação para ser alvissareira, e encontramos no animador cultural e nos programas de lazer um enorme potencial de intervenção.

Com certeza isso não é tão fácil quanto anunciado e trás grandes desafios a serem vencidos. O primeiro deles é o próprio paradoxo da cultura, ao mesmo tempo forte instrumento de dominação e grande possibilidade de reflexão. Não parece fácil lidar com uma indústria cultural que rapidamente transforma o que é contestação em meio de manutenção do *establishment*. As saídas para lidar com isso ainda estão para serem desvendadas profundamente e somente a experiência cotidiana, em cada caso, pode nos conceder indicadores mais seguros.

Além disso, temos que lidar com o desafio de romper as rígidas fronteiras da universidade. Por mais que eu utilize uma série de letras de Hip Hop e procure estar atento aos movimentos da cultura urbana das camadas populares, efetivamente eu não estou inserido nesses movimentos, não domino completamente os códigos, nem tampouco estou exposto às contradições daquele grupo. Sem falar que a forma com a qual a universidade hoje se organiza, com uma estrutura burocrática terrível e deteriorada pela ação de governantes irresponsáveis (ou melhor, responsáveis por encaminhar um projeto que interessa às elites), muito dificulta tal proximidade.

Aliás, interessantes projetos com jovens de comunidade de baixa renda têm sido desenvolvidos exatamente por artistas e/ou pessoas das comunidades, e não por professores e grupos acadêmicos organizados. Lógico que não é reprovável que a própria comunidade esteja organizando seus caminhos, muito pelo contrário. Mas com certeza tanto universidade quanto comunidades poderiam ganhar se houvesse um diálogo melhor estruturado e uma atuação conjunta mais constante.

Por fim, temos que reconhecer que a atuação no âmbito da cultura não é suficiente para promover uma completa mudança na ordem social, até porque, devido aos paradoxos já expostos, seu poder é bastante relativo. Um dos meus cineastas preferidos, François Truffaut, é bastante cruel ao comentar tal compreensão. Quando perguntado sobre um de seus filmes (*Fahrenheit 451*, uma ficção científica sobre o patrulhamento à leitura, através da queima de livros), ele afirma:

*“Não pretendi transmitir qualquer mensagem, mas apenas mostrar uma forma de luta contra a autoridade. Fahrenheit é contra o poder em geral, na medida em que o poder subestima a cultura ou dá-lhe importância exagerada, ao fingir que acredita que um filme, uma peça de teatro, um romance (...) realmente possam ser perigosos”* (GILLAIN, 1990. p.174).

De qualquer forma, a despeito das polêmicas, continuo achando que trabalhar com as manifestações culturais que surgem e ganham força entre os jovens é uma dimensão de grande potencialidade para todos que pretendem contribuir para a construção de uma nova ordem social. Obviamente, deve-se compreender o animador cultural como um mediador, que trabalhando com as especificidades culturais locais, procura também resgatar elementos da cultura popular deteriorada, difundir manifestações da cultura erudita e resistir à ação da indústria cultural, sempre considerando as possibilidades da cultura para direta ou indiretamente contribuir para o ampliar da consciência social do local onde se insere.

Mas para trabalhar nessa perspectiva, precisamos estar cada vez mais antenados e dispostos a compreender esses movimentos que são gerados pela juventude, nas ruas e em seu cotidiano. Também devemos estar dispostos a melhor compreender a dinâmica de vida desses jovens, nos afastando de qualquer resquício de moralismo e conservadorismo em nossas abordagens. E por fim, devemos nos afastar tanto de posturas ingênuas e extremamente otimistas, quanto de posturas por demais pessimistas, acerca de nossas possibilidades de intervenção.

Para concluir esse texto, quero apresentar uma outra música, que sintetiza o que procurei argumentar. É uma composição do grupo O Rappa, que aliás vem desenvolvendo um trabalho muito interessante na comunidade de Vigário Geral, exatamente utilizando a cultura como estratégia de mobilização<sup>4</sup>:

*“O negro pisou no topo do morro  
Pegou sua viola e tocou pro povo  
Pro povo do crime  
Que foi chegando e colocando*

---

4. “Na Palma da Mão”. Marcelo Yuka..

*As suas armas devagar no chão  
O mesmo chão que guarda o sangue  
O mesmo chão de correrias  
O mesmo chão de tantas famílias  
Que hoje batucam o mesmo som*

*Na palma da mão pra aliviar*

*O negro brilhou e ajudou  
Aquelas almas distorcidas pela guerra  
Só com a viola, só com a voz  
Só com a viola suas idéias  
O negro falou alto  
Inspirou uma calma  
E misteriosamente alegre é  
Sufocando o pior dos bandidos*

*E em troca deixou lágrimas  
Nos olhos do artista  
Lágrimas, lágrimas  
Na palma da mão pra aliviar*

*Hoje mesmo, hoje  
Quando o barulho dos tiros sinalizam  
O que acontece lá*

*Uma comunicação silenciosa  
Se faz com a memória das armas no chão  
Por algum momento  
Ganhando outra missão”*

Mais uma vez podemos perceber como alguns grupos estão mais concretamente antenados com a situação e com as necessidades dos jovens de camadas populares do que nós, professores universitários, muitas vezes literalmente aprisionados nas Universidades. Eles, logo, devem ser parceiros em nossa reflexão e em nossos projetos de atuação. Afinal, como disse bem MV Bill, é cada vez mais necessário o tráfico...o tráfico de informações.

## Referências Bibliográficas

- POBREZA atinge 24 milhões de jovens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1999. Caderno Brasil, p. 4.
- ESCÓSSIA, F. Jovem vive entre tráfico e desemprego. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 fev. 2000. Caderno Cotidiano, p. 6-3.
- LEAL, J. C. Classe média violenta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 2000. Caderno Cidade, p. 17.
- GIDDENS, A. A. Longevidade da adolescência. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 jan. 2000. Caderno Mais, p. 30-31.
- GILLAIN, A. (Org.) *O cinema segundo François Truffant*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.